

# COMÉRCIO EXTERNO DO PESCADO INDUSTRIALIZADO, BRASIL, 1996-2006<sup>1</sup>

José Sidnei Gonçalves<sup>2</sup>  
Luís Henrique Perez<sup>3</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

A abertura da economia brasileira dos anos 90s em diante implicou diversos segmentos, inclusive a agricultura, que passou a incorporar concorrências, complementaridades, integração com capitais internacionais, ao mesmo tempo em que exigia e proporcionava a adoção de inovações que reduzisse custos e melhorasse a qualidade das mercadorias.

O setor de pescado industrializado não fugiu à regra e apresentou evolução semelhante à observada em grandes agronegócios nacionais, envolvendo uma crescente integração com os países limítrofes e próximos e também com grandes nações pescadoras que organizaram sofisticada estrutura de exploração da pesca exploratória em águas internacionais.

Este trabalho procura analisar o comércio internacional de pescado industrializado, visando contribuir para a compreensão da dinâmica setorial decorrente dessa inserção internacional.

## 2 - LEVANTAMENTO E TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Para analisar o comércio externo de pescado no período de janeiro de 1996 a dezembro de 2006, foram utilizadas séries de dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX, 1996-2006). Para compor o grupo de mercadoria pescado (subdividido em peixes e crustáceos) adotaram-se as posições da

Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) descritas em Resumo Mensal da Balança Comercial dos Agronegócios, 2004 e 2005 (janeiro a dezembro) por Vicente et al. (2006). O principal foco do trabalho foi direcionado para preparações e conservas de peixes (salmões, arenques, sardinhas, sardinelas, atuns, anchovas e outros) compostas pelas posições NCM de 16.04.11.00 a 16.04.20.90. O grupo de mercadorias peixes manufaturados inclui, além das posições de preparações e conservas de peixes, as posições 15.04.10.19 (óleos de fígado de bacalhau), 16.04.30.00 (caviar e seus sucedâneos) e 23.01.20.10 (farinhas, pós, "pellets" de peixes). Utilizaram-se as séries de peso líquido (kg) e valores (US\$) convertidas, respectivamente, para mil kg e milhares de dólares.

## 3 - TRANSFORMAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA DE PROCESSAMENTO DE PESCADO

Nos últimos anos a agroindústria de processamento de pescado instalada no Brasil vem passando por intenso processo de capitalização e de adoção de inovações que vêm transformando seus produtos e ampliando seus mercados. Principalmente sardinhas e atuns estão deixando de ser apenas fontes de proteínas baratas (como o foram na década passada) e apresentando alternativas de embalagens de alumínio, com tampas de fácil abertura, conservadas em meio *light* e com diversas alternativas de tempero, prontas para consumo e para atender diferentes gostos. Tais diferenciações atendem tanto à expansão da renda do consumidor brasileiro quanto à do mercado argentino e de outros países espalhados por todos os continentes.

A conveniência de incorporar dentro do mesmo processo todas as etapas de fabricação, incluindo embalagem e transporte, proporciona uma visão mais ampla do percurso do produto desde o mar até a prateleira do supermercado. Diante desse panorama tornam-se mais nítidas as

<sup>1</sup>Registrado no CCTC, IE-15/2007.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sydy@iea.sp.gov.br).

<sup>3</sup>Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: lhpez@iea.sp.gov.br).

oportunidades de aprimoramento, seja pela aquisição de novos recursos tecnológicos, seja pela constante evolução dos sistemas de qualidade.

A FEMEPE Indústria e Comércio de Pescados SA trabalha com um *mix* de produtos que inclui as conservas de atum, sardinhas, cavalinhas, filés de sardinhas, patês, pescados congelados e farinha de peixe. Estes são comercializados de acordo com o nicho de mercado aos quais estão direcionados e identificados por marcas distintas: Alcyon, Pescador e Navegantes (FEMEPE, 2007). A empresa quer aumentar de 15% para 20% a participação de mercado e, para isso está investindo R\$20 milhões entre 2006 e 2007, a maior parte para duplicar a capacidade de produção da empresa - hoje de 400 mil latas de sardinha e 220 mil de atum, diárias. O objetivo é dobrar as vendas tanto no mercado interno como no externo (FEMEPE, 2006).

A expectativa da Gomes da Costa (GDC, controlada pelo grupo espanhol Calvo), líder no segmento de pescados em conserva, também é dobrar a produção anual, que atualmente é de cerca de 35 mil toneladas de atum e 15 mil toneladas de sardinha. Para tanto conta com a aprovação de um financiamento de R\$31 milhões pelo BNDES. Os recursos serão utilizados na modernização da unidade de processamento de atum e sardinha em Itajaí, Estado de Santa Catarina, onde a empresa concentra as atividades. O projeto contará com R\$62,5 milhões em aporte da própria empresa, totalizando R\$93,5 milhões (GOMES DA COSTA, 2005). Um dos objetivos do projeto é transformar a planta de Itajaí em uma plataforma exportadora para a América Latina, que é atendida em boa parte por fábricas na Espanha.

Em 2005, a Gomes da Costa chegou a um total de vendas próximo de 500 milhões de dólares, 48% provenientes de exportações para mais de 40 países. Assim, o grupo tornou-se uma das 5 maiores empresas de pescado em conserva do mundo, empregando 1.800 funcionários, com uma frota de 11 navios em 3 oceanos. Na Argentina a GDC se tornou a marca líder em sardinhas e a segunda maior em atum, em apenas três anos. Ela também está presente em outros países do MERCOSUL, como Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia. Recentemente, a em-

presa iniciou as atividades de vendas e *marketing* em Angola, Palestina, Sérvia, Croácia, Curaçao, Suriname e El Salvador. Em 2007, os produtos estarão à venda em mais de 25 países (CHEMERINSKI, 2006). A Gomes da Costa vai lançar uma linha de embalagens para exportação com rótulos em inglês, francês e árabe. A empresa vê no Oriente Médio um mercado estratégico. "A região tem um dos níveis de consumo de atum e sardinha que está entre os mais altos do mundo" (CHEMERINSKI, 2007).

A terceira grande empresa da área de peixes industrializados é a Coqueiro, a mais antiga no Brasil, divide a liderança do setor com a GDC e também foi adquirida pelo capital internacional (Quaker). Adotando estratégia mais agressiva de mercado, a Quaker aumentou a família Coqueiro, que ganhou versões de sardinha com legumes, com molho de tomates e com salada de vegetais em 2002 (ENERGIA, 2002).

Assim as empresas produtoras de preparações e conservas de peixes no Brasil, no período analisado neste trabalho, tiveram importantes aportes de capital, interno e externo, integraram a cadeia de produção, inovaram e diversificaram seus produtos, integraram-se na economia internacional (principalmente com países do MERCOSUL e da costa sul-americana do Pacífico), recuperando e mudando a qualidade do comércio externo. A ampliação e a diversificação das exportações só não redundaram na manutenção da obtenção de saldo positivo na balança comercial em função da valorização da moeda brasileira estimulando as importações.

#### 4 - EVOLUÇÃO DO SALDO COMERCIAL DO PESCADO NO BRASIL DE 1996 A 2006

Em 1996 o poder de compra do consumidor brasileiro, elevado pelo recém-lançado Plano de Estabilização Econômica aliado ao câmbio em que a moeda nacional se manteve valorizada, proporcionou a importação de US\$485,1 milhões em mercadorias do grupo pescado para uma exportação de US\$132,6 milhões, resultando no saldo comercial negativo de US\$352,6 milhões. As exportações foram 30,3% de peixes (US\$40,2 milhões) e 89,7% de crustáceos (US\$92,3 milhões), enquanto as importações foram 98% de peixes (Tabela 1).

TABELA 1 - Balança Comercial do Pescado, Brasil, 1996 a 2006  
(em US\$ milhão)

Pescado	Exportações											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Peixes	40,2	50,4	51,0	52,2	78,5	91,3	91,1	103,4	116,4	127,3	124,6	30,3	33,4
Crustáceos	92,3	75,6	71,8	84,8	160,5	193,3	252,5	317,5	312,7	279,9	248,1	69,7	66,6
Total	132,6	126,0	122,8	137,0	238,9	284,6	343,6	420,9	429,1	407,1	372,7	100,0	100,0
Pescado	Importações											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Peixes	475,4	437,1	448,8	286,4	296,7	263,3	220,2	210,8	260,3	304,8	448,6	98,0	99,1
Crustáceos	9,7	10,7	6,5	3,4	3,7	4,0	2,3	2,3	2,0	1,6	4,2	2,0	0,9
Total	485,1	447,8	455,2	289,8	300,5	267,3	222,5	213,1	262,3	306,4	452,8	100,0	100,0
Pescado	Saldo											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Peixes	-435,2	-386,7	-397,7	-234,2	-218,3	-172,0	-129,1	-107,4	-144,0	-177,6	-324,0	123,4	404,3
Crustáceos	82,6	64,9	65,4	81,4	156,7	189,3	250,2	315,2	310,7	278,3	243,9	-23,4	-304,3
Total	-352,6	-321,8	-332,4	-152,8	-61,5	17,3	121,1	207,8	166,7	100,7	-80,1	100,0	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com dados de MDIC/SECEX.

Ao longo de todo o período analisado o comércio externo de peixes teve saldos negativos e o de crustáceos saldos positivos. Com a estagnação da renda do consumidor e a desvalorização cambial que encareceu o produto estrangeiro no mercado interno, as importações caíram de 1996 a 2003, quando atingiram menos da metade do valor inicial, chegando a US\$213,1 milhões. Em contrapartida as exportações cresceram, também, ano a ano até atingiram o valor máximo de US\$429,1 milhões em 2004 (Tabela 1).

Em decorrência destes movimentos, o saldo comercial do pescado evoluiu do elevado déficit de US\$352,6 milhões em 1996 para o superávit de US\$207,8 milhões em 2003. Nesse ano, as exportações de crustáceos (camarões e lagostas, principalmente) atingiram seu pico (US\$317,5 milhões). Esse movimento teve tendência revertida no novo período de crescimento da renda interna e de valorização da moeda nacional em função da enorme entrada de dólares numa economia de câmbio flutuante. Isso voltou a estimular as importações a partir de 2004, revertendo a tendência de evolução do saldo comercial, que começou a cair até tornar-se novamente negativo no último ano do período (-US\$80,1 milhões em 2006) (Tabela 1).

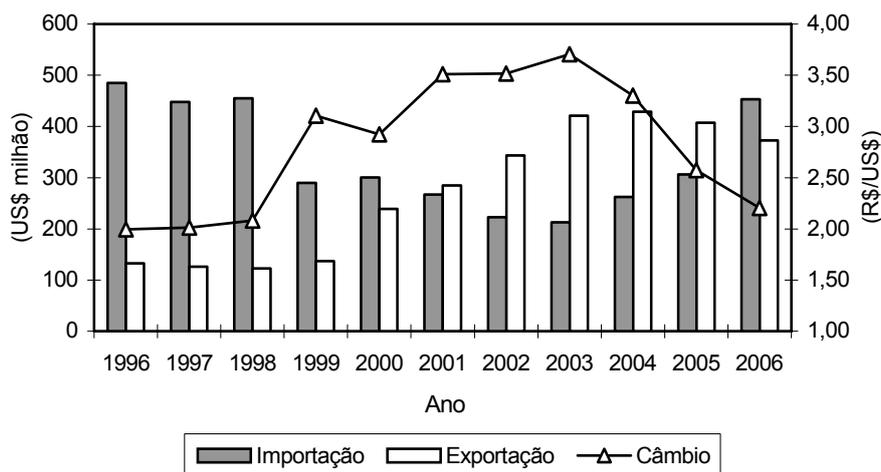
Ao se associar o desempenho da balança comercial de pescado aos movimentos da política macroeconômica, permite-se verificar que o desempenho desse segmento nas transações externas brasileiras está inexoravelmente atrelado aos movimentos do câmbio, uma vez

que no tocante às exportações elas aceleraram-se exatamente no período posterior a janeiro de 1999 quando a mudança do regime de câmbio fixo para o de câmbio flutuante teve como decorrência, num primeiro momento, a desvalorização da moeda brasileira tornando os preços internacionais estimuladores pois, para o mesmo montante de negócios em dólar (US\$) obtém-se mais real (R\$). Nas importações a tendência se mostra inversa (Figura 1).

Tanto isso se configura como consistente que, com o movimento de valorização da moeda brasileira a partir da metade de 2004, face às significativas entradas de dólar na economia brasileira que se acelera nesse período, há uma retomada das compras de pescado no exterior e um refluxo das vendas. Uma leitura do desempenho dos saldos comerciais da conta de comércio exterior de pescado revela que há déficit no período 1996-2000, superávit entre 2001-2005 e novamente déficit em 2006.

Mais que isso, a magnitude desse resultado acompanha diretamente a amplitude de variação do câmbio. Noutras palavras, se a balança comercial de pescado consiste numa resposta às políticas públicas, isso não corresponde às políticas de pesca, porém, consistem numa decorrência da política cambial.

Aprofundando no perfil do comércio externo de pescado, destacando as transações com agregação de valor pela agroindústria processadora, as exportações brasileiras de preparações e conservas de peixes (constituídas por



**Figura 1** - Balança Comercial de Pescado e Taxa de Câmbio, Brasil, 1996-2006<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Em valores constantes de dezembro de 2000 pelo IPCA do IBGE.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de MDIC/SECEX e Banco Central do Brasil.

80,8% do valor de atuns e 18,8% de sardinhas, em 2006) oscilaram no período, com crescimento de 1996 a 1998 quando salta de US\$10,2 milhões (3,5 mil toneladas) para US\$15,9 milhões (5,5 mil toneladas). No período seguinte até 2003 tem queda quando atinge apenas US\$7,0 milhões (3,4 mil toneladas) para, no movimento subsequente, mostrar novo crescimento alcançando US\$15,3 milhões (5,8 mil toneladas) em 2006 (Tabela 2).

Duas inferências relevantes podem ser feitas a respeito das exportações brasileiras de pescado com base nesses indicadores estatísticos. A primeira consiste em que a representatividade da agregação de valor pela transformação agroindustrial se mostra reduzida no segmento de pescado, pois nas exportações apenas US\$10,1 milhões dos US\$132,6 milhões de 1996 e US\$15,3 milhões dos US\$372,7 milhões de 2006 (Tabelas 1 e 2) correspondem a produtos processados. A segunda está no fato de que, ao contrário das vendas totais de pescado brasileiro nas quais prevalecem os produtos sem processamento e por isso mesmo respondem aos estímulos do câmbio, as transações com processados seguem a lógica dos contratos internacionais firmados.

As importações brasileiras de pescado processado seguem o mesmo padrão, na medida em que em 1996, dos US\$485,1 milhões despendidos nas compras externas do produto, apenas US\$58,4 milhões, correspondem a processados. Já em 2006 do montante importado de US\$452,8 milhões o pescado processado representa apenas US\$17,7 milhões (Tabelas 1 e 2), mais uma

vez tem-se uma reduzida participação das importações de produtos com maior valor agregado. Em linhas gerais, prevalece no comércio exterior brasileiro de pescado, tanto nas exportações como nas importações, as transações com produtos sem transformação agroindustrial.

Outra característica do comércio exterior de pescado processado, destacando as exportações brasileiras, está na reduzida abrangência geográfica em termos de países de destino, prevalecendo os negócios com as nações vizinhas. Em termos de destino, em 1996 cerca de 70% do produto destinou-se à Argentina. Contudo, as vendas brasileiras de atum e sardinha enlatados flutuaram muito em função da situação econômica dos vizinhos portenhos. A forte crise reduziu as compras argentinas de um patamar superior a US\$10 milhões (em 1997 e 1998) para pouco mais de US\$2 milhões em 2002 (Tabela 2).

Exatamente no período 2001-2002 as empresas brasileiras, com a redução das compras argentinas, passaram a escoar para Angola parte da produção não absorvida pelos vizinhos. Entretanto, com a recuperação de sua economia os argentinos voltaram a ultrapassar o patamar dos US\$10 milhões em 2006. A retomada das exportações brasileiras foi acompanhada pelo aumento do preço médio (US\$/kg) de cerca de 30% entre 2003 e 2006, talvez indicando uma pauta composta por produtos de maior valor específico e correspondendo à melhoria do mercado portenho (Tabela 2).

O Paraguai, que participou com 18,2% da quantidade e 16,7% do valor das exportações

TABELA 2 - Exportações Brasileiras de Preparações e Conservas de Peixes, por País, 1996 a 2006

País	Peso Líquido (em t)											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Angola	1	2	8	1	40	427	988	75	19	116	317	0,0	5,5
Argentina	2.569	3.846	4.212	3.187	3.341	3.240	1.080	2.033	3.003	3.033	4.090	73,9	70,7
Chile	2	0	0	48	0	87	123	82	301	634	262	0,0	4,5
Paraguai	633	729	692	625	525	470	242	143	239	265	173	18,2	3,0
Uruguai	120	178	248	288	396	395	145	252	360	624	402	3,5	6,9
Subtotal	3.325	4.755	5.159	4.148	4.302	4.619	2.578	2.586	3.923	4.673	5.244	95,6	90,6
Outros	152	514	291	185	268	235	1.240	856	599	1.207	545	4,4	9,4
Total	3.477	5.269	5.450	4.333	4.570	4.854	3.818	3.442	4.521	5.880	5.788	100,0	100,0

País	Valor (em US\$ 1.000)											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Angola	3	6	29	3	116	1.512	2.118	257	53	315	867	0,0	5,7
Argentina	7.592	11.461	12.416	9.203	8.967	8.678	2.131	3.899	6.475	6.925	10.697	74,8	69,9
Chile	9	1	0	110	0	214	304	191	726	1.631	759	0,1	5,0
Paraguai	1.695	1.760	1.716	1.363	1.127	916	457	255	539	682	497	16,7	3,2
Uruguai	340	476	669	690	865	881	270	438	710	1.330	950	3,4	6,2
Subtotal	9.640	13.703	14.830	11.369	11.075	12.201	5.279	5.039	8.503	10.883	13.768	95,0	90,0
Outros	506	1.577	1.045	515	396	427	2.858	1.966	1.358	2.692	1.525	5,0	10,0
Total	10.145	15.280	15.875	11.883	11.471	12.628	8.137	7.005	9.861	13.575	15.294	100,0	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com dados de MDIC/SECEX.

brasileiras de peixes enlatados em 1996, reduziu seu papel para apenas 3,0% da quantidade e 3,2% do valor, em 2006. Em parte os guaranis foram substituídos pelos uruguaios e chilenos, que elevaram sua participação no período, passando, respectivamente, de 3,4% para 6,2% e de 0% para 5% do valor, de 1996 a 2006. Os países do Cone Sul representaram 85,1% da quantidade e 84,3% do valor desse comércio em 2006 (Tabela 2).

Já as importações brasileiras de preparações e conservas de peixes caíram acentuadamente entre 1996 (24,7 mil toneladas e US\$58,4 milhões) e 2002 (5,7 mil toneladas e US\$10,9 milhões). Em 1996 ocorreram importantes compras da mercadoria em países de todo o mundo, estando incluídos na categoria outros. México (US\$6,8 milhões), Marrocos (US\$5,7 milhões) e Coréia do Sul (US\$2,4 milhões), que deixaram de ser fornecedores importantes a partir de 2000 (Tabela 3). Isso mostra que as compras externas brasileiras têm uma abrangência geográfica mais ampla que as exportações.

O aumento das importações em 2003 não foi suficiente para caracterizar uma nova tendência e pode-se dizer que elas mantiveram-se relativamente estáveis de 2002 a 2005, próximas do patamar dos US\$10 milhões. Apenas em 2006, ao atingir 9,1 mil toneladas e US\$17,7

milhões ficou evidente o novo incremento nas aquisições brasileiras de preparações e conservas de peixes no exterior (constituídas na ocasião de 27,6% de atuns e 63,3% de outros peixes, em valor) (Tabela 3). Manifesta-se aí o já mencionado efeito renda e câmbio, na medida em que o pescado consiste em produtos com maior elasticidade-renda da demanda entre as carnes e a valorização da moeda brasileira barateou importações.

O Equador mostrou-se o fornecedor mais estável ao longo de todo o período, respondendo por 26,8% do valor total em 1996 e 26,6% em 2006. O Peru assume o papel de principal origem das preparações e conservas de peixes adquiridas pelo Brasil em alguns anos da série, culminando com 43,7% da quantidade e 39,4% do valor total em 2006 (Tabela 3).

Argentina (11% do valor) e Uruguai (11,9%) ocuparam, respectivamente, a quarta e a terceira colocação entre os fornecedores, se contrapondo ao predomínio dos países da costa sul-americana do Pacífico (Peru, Equador, Chile e Venezuela, que totalizaram 71,6% do valor total importado em 2006) (Tabela 3).

Ao longo do período 1996 a 2004 o comércio externo brasileiro de preparações e conservas de peixes apresentou um saldo negativo decrescente (evoluiu de US\$48,3 milhões a

TABELA 3 - Importações Brasileiras de Preparações e Conservas de Peixes, por País, 1996 a 2006

País	Peso Líquido (em t)											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Argentina	833	989	809	394	545	411	605	742	715	642	714	3,4	7,9
Chile	717	239	639	694	1.110	910	1.070	1.213	630	1.094	722	2,9	8,0
Equador	7.395	4.535	4.041	2.575	3.416	2.549	438	1.122	1.176	953	2.339	30,0	25,8
Peru	3.577	2.573	1.726	3.203	4.012	3.285	1.853	3.014	2.867	1.361	3.959	14,5	43,7
Uruguai	912	1.133	1.030	635	616	736	900	981	829	864	1.136	3,7	12,5
Venezuela	2.263	4.552	5.127	2.790	1.870	783	388	292	341	338	21	9,2	0,2
Subtotal	15.698	14.021	13.373	10.291	11.569	8.674	5.254	7.363	6.558	5.252	8.891	63,6	98,0
Outros	8.984	6.179	5.700	2.691	986	663	488	599	171	211	178	36,4	2,0
Total	24.682	20.201	19.073	12.981	12.555	9.337	5.742	7.962	6.729	5.462	9.069	100,0	100,0

País	Valor (em US\$ mil)											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Argentina	3.977	4.969	4.100	1.996	2.738	2.157	1.954	1.683	1.673	1.640	1.944	6,8	11,0
Chile	1.168	625	1.636	1.257	1.284	841	957	1.199	625	1.228	916	2,0	5,2
Equador	15.666	9.583	9.531	5.250	5.695	4.194	915	2.111	2.279	1.806	4.705	26,8	26,6
Peru	5.807	3.810	2.822	4.354	5.369	4.216	2.417	4.474	3.542	1.795	6.964	9,9	39,4
Uruguai	2.864	3.557	3.339	2.219	2.061	2.383	2.469	2.163	1.436	1.507	2.105	4,9	11,9
Venezuela	4.677	9.230	10.096	5.178	3.339	1.751	1.167	743	848	910	78	8,0	0,4
Subtotal	34.160	31.774	31.524	20.255	20.488	15.542	9.879	12.374	10.404	8.888	16.712	58,5	94,5
Outros	24.252	16.797	16.071	6.862	2.448	1.358	1.023	996	583	739	975	41,5	5,5
Total	58.411	48.571	47.595	27.117	22.936	16.900	10.902	13.370	10.987	9.627	17.687	100,0	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com dados de MDIC/SECEX.

US\$1,1 milhão) como consequência da redução das importações. Em 2005 o saldo apresentou-se como positivo principalmente pela reação das exportações e pelo valor mínimo alcançado pelas importações. Finalmente, em 2006, embora as exportações tenham tido novo crescimento, as importações voltaram a expandir-se, fortemente estimuladas pela valorização da moeda nacional, e o saldo comercial voltou a ser deficitário (Tabela 4). Os impactos das mudanças nos patamares do câmbio explicam esse movimento.

Quanto à composição das importações, no ano inicial do período estudado, 38,8% do valor do peixe industrializado importado pelo Brasil era atuns; 31,3%, sardinhas; 25,2%, outros peixes; 0,3%, farinha de peixe; e 4,4% de outras mercadorias do grupo. Por outro lado, verifica-se que ano a ano a importação da sardinha enlatada sofreu grande redução (de 9.916 toneladas em 1996 para apenas 129 toneladas em 2006), com queda na participação no valor total para apenas 1,4%) (Tabela 5).

Os atuns também tiveram a importação reduzida, mas em escala menos acentuada (de 8.459 toneladas em 1996 para 2.344 em 2006) com queda na participação do valor total para 20,7%. Outros peixes que tiveram pequena queda na quantidade importada aumentaram

sua importância relativa para 47,5% do valor em 2006, passando a ser a principal mercadoria do grupo.

Finalmente, a farinha de peixe foi a mercadoria que apresentou forte crescimento absoluto na quantidade (de 169 toneladas para 5.348 toneladas, do início ao fim do período), culminando com o grande incremento no peso relativo no valor total em 2006, quando atingiu 22,7% (Tabela 5).

Esse movimento da composição das compras externas decorre da característica da pesca marítima brasileira, consiste numa pesca costeira (até 12 milhas), onde estão os cardumes de sardinhas (o que permitiu reduzir importações) enquanto a pesca de outros peixes mostra-se típica da pesca oceânica, para a qual a frota brasileira se mostra deficiente. Nessa especialidade, o acontecimento mais recente consiste no arrendamento de barcos atuneiros para pesca oceânica, permitindo a expansão da produção nacional.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das vendas externas do pescado revela uma associação direta entre os resultados obtidos e os movimentos da política cambial.

TABELA 4 - Balança Comercial de Preparações e Conservas de Peixes, Brasil, 1996 a 2006

Item	Peso líquido (em t)										
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Exportações	3.477	5.269	5.450	4.333	4.570	4.854	3.818	3.442	4.521	5.880	5.788
Importações	24.682	20.201	19.073	12.981	12.555	9.337	5.742	7.962	6.729	5.462	9.069
Saldo	-21.204	-14.931	-13.623	-8.648	-7.985	-4.483	-1.924	-4.520	-2.207	417	-3.281

Item	Valor (em US\$ 1.000)										
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Exportações	10.145	15.280	15.875	11.883	11.471	12.628	8.137	7.005	9.861	13.575	15.294
Importações	58.411	48.571	47.595	27.117	22.936	16.900	10.902	13.370	10.987	9.627	17.687
Saldo	-48.266	-33.291	-31.720	-15.233	-11.465	-4.272	-2.765	-6.364	-1.126	3.948	-2.393

Fonte: Elaborada pelos autores com dados de MDIC/SECEX.

TABELA 5 - Importações Brasileiras de Peixe Industrializado, 1996 a 2006

Pescado	Peso líquido (em t)											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Sardinhas	9.916	7.958	7.075	4.817	4.076	2.435	629	433	384	628	129	39,4	0,8
Atuns	8.459	6.359	4.857	2.898	2.284	1.930	518	1.468	1.214	821	2.344	33,6	15,2
Outros peixes	5.730	5.486	6.907	5.145	5.971	4.835	4.454	5.846	5.004	3.835	6.408	22,8	41,5
Farinhas	287	354	1.065	1.765	4.185	8.541	11.358	12.273	9.593	10.128	6.203	1,1	40,1
Subtotal	24.391	20.158	19.903	14.625	16.516	17.741	16.958	20.019	16.195	15.413	15.084	97,0	97,6
Outros	755	523	353	270	340	269	276	285	265	314	368	3,0	2,4
Total	25.146	20.680	20.256	14.895	16.856	18.010	17.234	20.305	16.461	15.726	15.452	100,0	100,0

Pescado	Valor (em US\$ 1.000)											Part. %	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	1996	2006
Sardinhas	18.466	14.646	12.815	7.690	6.123	3.781	1.514	962	912	1.362	320	31,3	1,4
Atuns	22.865	17.019	12.917	7.145	4.302	3.453	1.089	2.730	2.345	1.747	4.881	38,8	20,7
Outros peixes	14.881	15.362	20.601	11.563	11.635	8.779	7.543	8.852	6.975	5.471	11.187	25,2	47,5
Farinhas	169	246	774	930	1.958	4.801	7.341	7.326	5.971	6.215	5.348	0,3	22,7
Subtotal	56.381	47.272	47.107	27.328	24.018	20.814	17.487	19.869	16.203	14.796	21.736	95,6	92,2
Outros	2.569	1.935	1.659	1.120	1.216	1.187	1.037	1.035	1.088	1.407	1.829	4,4	7,8
Total	58.950	49.208	48.766	28.448	25.233	22.001	18.524	20.904	17.291	16.204	23.566	100,0	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com dados de MDIC/SECEX.

No primeiro período que corresponde ao antigo regime de câmbio fixo (1996 a 1999) levou a exportações estagnadas em torno do mesmo nível (até 1999). No segundo momento, com a desvalorização da moeda brasileira há um aumento das vendas externas como puro reflexo do aumento dos preços em moeda nacional dessa mudança no indicador macroeconômico. Mas revertido o quadro cambial para valorização da moeda brasileira, há um refluxo das exportações desde 2004.

Noutras palavras, o resultado de incremento das exportações de pescado do período 1999-2004 não deriva de ganhos de competitividade, mas dos impactos na contabilidade financeira das mudanças no câmbio. As importações, como esperado nesse quadro macroeco-

nômico, apresentam tendência inversa ao das exportações com queda no período 1996-2003 e aumento desse último ano até 2006. Em função disso, os saldos comerciais do pescado, refletindo o câmbio, são deficitários nos anos da moeda nacional desvalorizada e superavitários na situação cambial inversa. Assim, o comportamento desse segmento não responde a políticas de pesca, mas a políticas macroeconômicas com o que se mostrou inócua a criação de uma Secretaria Especial, com *status* de Ministério, para cuidar do segmento.

A leitura do comércio exterior de pescado processado apresenta comportamento distinto. Desde logo deve ser frisado que se trata de segmento minoritário dentro das transações de pescado, tanto em termos de importações como

de exportações. Por outro lado, como decorrência típica de operações com produtos agroindustriais, o movimento das exportações e das importações apresentam amplitudes reduzidas de quantidades ainda que, em função da competitividade derivada do patamar do câmbio, sejam verificadas alterações significativas nos valores transacionados. Os negócios internacionais com produtos processados, porque lastreados em contratos, apresentam amplitudes de variação menores.

Isso conquanto tenha ocorrido queda expressiva dos volumes físicos importados em razão da queda vertiginosa das compras externas de sardinhas. Isso remete a um outro fato, pois a frota pesqueira marítima brasileira está adequada para a pesca costeira, onde podem ser encontrados os cardumes de sardinha, mas não para a pesca oceânica na busca de cardumes de atuns em águas territoriais brasileiras ou internacionais. Recentemente, investimentos em barcos atuneiros

permitiram incremento da produção brasileira, ainda que com um pesca oceânica especializada nessa espécie. Isso explica as mudanças na composição das importações brasileiras com queda das compras de sardinha e atuns e incremento nas aquisições de farinha de peixe.

Finalizando, há que se destacar ainda que as exportações brasileiras de pescado processado caracterizam-se como um comércio de vizinhança dada a relevância das compras argentinas. Nas importações em linhas gerais isso se repete, ainda que não na mesma proporção porque as compras externas de pescado processado incluem espécies capturadas em mares do Hemisfério Norte. De qualquer maneira, tendo em mente a extensão do mar territorial brasileiro e a extensão da sua costa atlântica, os indicadores de comércio exterior de pescado, tanto congelado como processado, apresentam-se muito abaixo das potencialidades nacionais (IBAMA, 2006).

## LITERATURA CITADA

CHEMERINSK, D. **Divisão de exportação**. Disponível em: <<http://www2.gomesdacosta.com.br/>>. Acesso em: dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **Gomes da Costa inaugura unidade para exportar**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/canalexecutivo/notasemp06/emp250920062.htm>>. Acesso em: jan. 2007.

ENERGIA no Brasil. **Isto É**, São Paulo, 1 jun. 2002. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoedinheiro/251/negocios/251\\_energia\\_quaker.htm](http://www.terra.com.br/istoedinheiro/251/negocios/251_energia_quaker.htm)>. Acesso em: jan. 2007.

FEMEPE. **Grupo FEMEPE**. Disponível em: <<http://www.femepe.com.br/empresa.asp?menu=002&lang=1>>. Acesso em: jan. 2007.

FEMEPE vai investir R\$ 20 milhões para dobrar a produção. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 4 maio 2006. Caderno C, p. 2. Disponível em: <[http://www.justi2inews.com/Conteudo/Justi2i\\_News\\_Conteudo\\_P.aspx?IDN=19816](http://www.justi2inews.com/Conteudo/Justi2i_News_Conteudo_P.aspx?IDN=19816)>. Acesso em: dez. 2006.

GOMES DA COSTA recebe recursos do BNDES. **Valor Econômico**, São Paulo, 8 dez. 2005. Caderno B, p. 11. Disponível em: <[http://www.justi2inews.com/Conteudo/Justi2i\\_News\\_Conteudo\\_P.aspx?IDN=18814](http://www.justi2inews.com/Conteudo/Justi2i_News_Conteudo_P.aspx?IDN=18814)>. Acesso em: jan. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA. **O estado dos recursos pesqueiros: pesca extrativa e aquíicultura**. Disponível em: <<http://www2.ibama.gov.br/~geobr/Livro/cap2/pesca.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2006.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO E INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. SECEX. **Balança Comercial Brasileira**. Rio de Janeiro, 1996-2006. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br>>. Acesso em: jan. 2007.

VICENTE, J. R. et al. **Balança comercial do agronegócio paulista no ano de 2005**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/comex/balanca-0106.php>>. Acesso em: 3 abr. 2006.

**COMÉRCIO EXTERNO DO PESCADO INDUSTRIALIZADO,  
BRASIL, 1996-2006**

**RESUMO:** O saldo comercial brasileiro do grupo de mercadorias de preparações e conservas de peixe evoluiu de - US\$48,3 milhões em 1996 para + US\$3,9 milhões em 2005, voltando a ser negativo em 2006 (US\$2,4 milhões). No período a indústria pesqueira nacional recebeu aportes de recursos que permitiram a introdução de inovações tecnológicas em várias etapas da cadeia de produção o que proporcionou a recuperação e a diversificação de mercado. Em 2006 as exportações foram predominantemente de atuns (80,8%) e para a Argentina (69,9%), enquanto as importações foram de outros peixes (63,3%) comprados do Peru (39,4%) e do Equador (26,6%). A integração das empresas nacionais ao capital internacional permite o redirecionamento e a dosagem do fluxo de produtos e de matérias-primas entre os países sul-americanos de acordo com a flutuação da taxa de câmbio.

**Palavras-chave:** peixes industrializados, comércio exterior.

**BRASIL'S FOREIGN TRADE OF PROCESSED FISH  
OVER 1996-2006**

**ABSTRACT:** The Brazilian trade balance of the fish preserves and preparations food group rose from minus US\$ 48,3 million in 1996 to US\$ 3,9 million in 2005, being again negative in 2006 (minus US\$ 2,4 million). Over this period, the allocation of resources in the national fishing industry allowed introducing technological innovations to several stages of the supply chain, which facilitated recovery and market diversification. In 2006, predominant exports were of tuna (80.8%) and to Argentina (69.9%), while imports were of other fish (63.3%) bought from Peru (39.4%) and Ecuador (26.6%). The integration of national companies into international capital markets allows redirecting and dosing the flow of products and raw materials among South American countries according to the flotation of exchange rates.

**Key-words:** industrialized fish, external trade, Brazil.

---

Recebido em 22/02/2007. Liberado para publicação em 20/03/2007.

*Informações Econômicas, SP, v.37, n.4, abr. 2007.*